



Enfermaria do Incor: capacidade para realizar ao menos quatro cirurgias por mês, recuperando as finanças da instituição

■ Se preço for realinhado, salvação virá

Na avaliação do promotor Diaulas Ribeiro, só o realinhamento de preços pagos pela Secretaria seria suficientes para retirar o Incor do vermelho. O promotor afirmou que são enviados para o Incor apenas pacientes de alta complexidade que não podem ser tratados na rede pública, mas gasta-se menos com eles do que com doentes menos graves.

— O valor pago por essas cirurgias é apenas simbólico, não gera receita para o hospital, só gasto — afirmou.

Atualmente, 70 pessoas esperam na fila de espera por uma cirurgia no Incor. O Ministério Público do DF pedirá à Secretaria que pague antecipadamente por esses procedimentos para ajudar o hospital a quitar dívidas. O valor mínimo estimado por cada uma dessas cirurgias é de R\$ 10. Outras mais complexas podem custar até R\$ 400 mil.

— O Incor não tem de fazer caridade para a Secretaria de Saúde local: reúne condições de disputar como hospital privado e se manter sem mesada da Fundação Zerbini de São Paulo. A rede pública não sobrevive sem o Incor.

Transplantes de rins deverão salvar também a vida do Incor

Rafania Almeida

O credenciamento do Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor/DF) para realizar transplantes de rins poderá reduzir o rombo da unidade e até impedir que ela seja fechada. A afirmação é do promotor de Defesa de Serviços de Saúde (Pró-Vida) do DF, Diaulas Ribeiro. Segundo ele, a iniciativa, além de suprir uma carência da rede de saúde pública, que tem 1.300 pacientes na hemodialise, salvaria o Incor. Hoje a rede faz apenas 50 cirurgias por ano, de acordo com a Associação dos Renais de Brasília (Arebra).

Cada transplante está estimado em R\$ 30 mil. A unidade teria capacidade para realizar, no mínimo, quatro cirurgias por mês, ao menos 30 ao ano.

— Isso geraria cerca de R\$ 1 milhão de receita para o Incor por ano. Mas ainda falta verba para o hospital investir em equipamento e se credenciar — disse o promotor.

De acordo com Diaulas Ribeiro, o Incor precisa, hoje, de R\$ 5 milhões para reabastecer farmácia e quitar folha de pagamento, já com 20% do excedente de funcionários demitidos, além de quitar dívidas

“O Incor presta serviço para a Secretaria de Saúde a valor muito abaixo do que deveria receber. A rede privada obtém valores mais altos

Diaulas Ribeiro, promotor de Defesa de Serviços de Saúde (Pró-Vida) do DF,

com fornecedores. Porém, a unidade conta apenas com R\$ 2,7 milhões. Parte dessa verba foi creditada pelo Senado na conta da Fundação Zerbini, administradora do hospital, na noite de ontem.

A assessoria de comunicação da Direção Geral do Senado, proprietário do Incor junto com a Câmara dos Deputados, informou que R\$ 2,2 milhões foram depositados ontem. O dinheiro garante a sobrevivência do hospital por mais um mês. Ao todo, serão investidos R\$ 4 milhões. Ainda não há previsão para o repasse do restante do dinheiro.

A verba diminuiu. Durante os dois anos de existência do hospital, o Senado enviou a cada 12 meses R\$ 8 milhões para a unidade, mas em 2007 o contingenciamento orçamentário de recursos determinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva resultou na redução do investimen-

to. Contudo, a diretoria geral do Senado informou que, ao longo do ano, o Incor poderá receber os R\$ 6 milhões restantes a não ser que o presidente da Casa, Renan Calheiros desautorize o repasse.

Já a Câmara dos Deputados garantiu o investimento de um máximo R\$ 500 mil até junho, quando termina o contrato, que poderá ser renovado por mais um ano. Segundo a assessoria da Diretoria Gera, a verba já foi repassada. Câmara e Senado investiram R\$ 150 milhões na construção do hospital. O promotor avaliou que o investimento foi mal administrado pela Fundação Zerbini. Ele considerou injusto o contrato feito pelo instituto com a Secretaria de Saúde.

— O Incor presta serviço para a Secretaria de Saúde a um valor muito abaixo do que deveria receber. E a secretaria paga valores bem mais altos em contratos com a rede priva-

da — afirmou Diaulas. — O instituto recebe pelo Sistema Único de Saúde (SUS), enquanto os hospitais privados trabalham por convênio. Há casos em que a rede privada recebe R\$ 4 mil do governo por um procedimento, enquanto o Incor ganha R\$ 500 pelo mesmo trabalho — disse.

Com a falta de recursos, o atendimento ambulatorial do instituto está paralisado. Novos pacientes não estão sendo aceitos. Ao menos 120 pessoas esperam na fila para serem atendidas. A Secretaria encaminha 70% deles pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Mas a direção do hospital disse que já teve 90% de atendimentos pelo SUS.

Consultores da Fundação Zerbini de São Paulo estão esta semana em Brasília fazendo auditorias e avaliando a real situação do hospital. O Incor/DF viu sua situação piorar depois que teve os laços cortados com a unidade de São Paulo, que durante dois anos repassou R\$ 32 milhões para o DF.

Os consultores deverão, entre outras medidas, demitir 20% dos funcionários do Incor/DF. Já houve um corte de 50% do quadro na maior parte dos setores do hospital.

O Incor não tem de fazer caridade para a Secretaria de Saúde local, avisa o promotor Diaulas

A unidade deveria ser mais valorizada — considerou.

Diaulas Ribeiro afirmou que fará o possível para que a unidade não feche as portas, já que é essencial para reduzir os déficits da rede pública.

— Se fosse fácil sobreviver sem o Incor, não existiriam filas com 15 mil pessoas à espera de cirurgia. A rede privada não receberá os pacientes do Incor, especialmente pelo preço que a Secretaria paga por eles. O instituto é referência em saúde do coração. A população deve se mobilizar — ressaltou.

O subsecretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes, não descartou a hipótese de o Instituto do Coração do DF se credenciar para fazer os transplantes, já que pé referência em tecnologia. A direção do hospital pretende credenciar a unidade ainda para cirurgias de transplante de fígado, e já conta com uma fila de cinco pacientes. (R.A.)